

MACHADO DE ASSIS: UM ROMANCISTA NO ESPAÇO BIOGRÁFICO*

No presente estudo, buscamos situar alguns pontos do diálogo firmado por Joaquim Maria Machado de Assis com o "espaço biográfico",¹ bastante presente no conjunto romanesco de sua autoria. A leitura de autobiografias, biografias, cartas, confissões, diários, memórias e vidas, assim como de outras espécies (auto)biográficas, da qual dão prova os vários itens que sobressaem na biblioteca do escritor, e as constantes releituras de textos desse tipo, já se fazem notar em trabalhos prévios à estilização ficcional de gêneros e formas (auto)biográficas, mais evidenciada nas seguintes obras literárias: *Casa velha*; *Memórias póstumas de Brás Cubas*; *Quincas Borba*; *Dom Casmurro*; *Esau e Jacó*; *Memorial de Aires*.

Tais recursos corroboram a ideia de continuidade temático-estrutural da obra machadiana, não totalmente desprezada pela crítica, ao mesmo tempo em que permitem recusar sua divisão em distintas fases. Dessa maneira, provocam certo desvio à narrativa realista do século XIX, pois Machado opera com dois registros: de um lado, os gêneros (auto)biográficos estabelecidos a partir do século XVIII e a ficção (auto)biografista realizada na mesma centúria; de outro, as formas biográficas da Antiguidade clássica. É assim que o autor se utiliza das memórias, identificadas como um gênero poético-retórico desde os *Comentários* do imperador Júlio César (séc. II-I a.C.), e da linhagem das confissões, firmada a partir de Santo Agostinho, no século IV da Era Cristã.²

* O presente trabalho conta com o apoio do CNPq e resulta do plano de Pós-Doutorado Júnior, desenvolvido na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), sob orientação da Prof^a Dr^a Regina Zilberman.

¹ A autobiografia, a biografia, o diário íntimo, as confissões e memórias, bem como textos epistolares, ensaísticos e híbridos – romances de modulação autobiográfica ou biográfica, o *roman-fleuve* ou o romance de formação –, integram o campo que Philippe Lejeune denomina de "espaço autobiográfico". Em todos esses gêneros, há sempre uma vida a ser contada, e nem tão somente por intermédio da primeira pessoa ou da autoconfissão dissimulada em outros pontos de vista, razão por que considero ainda mais apropriado utilizar o termo "espaço biográfico". Vide: LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975; LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique (bis)*. *Poétique*, n. 56, p. 417-433. Paris, nov. 1983. LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

² Diversos livros de Diderot, Dickens, Eça de Queirós, Fielding, Flaubert, Goethe, Johnson, Macaulay, Mérimée, Montaigne, Plutarco, Propércio, Rousseau, Santo Agostinho, Smollet, Stendhal, Sterne, Swift, Thackeray e Xenofonte compõem a biblioteca de Machado, juntamente com biografias produzidas

Quanto aos gêneros de caráter autobiográfico e biográfico, estabelecidos a partir do Século das Luzes, foi nos passos da obra biográfica de James Boswell – *The life of Samuel Johnson* (1791) –, muitas vezes comparada às *Conversações com Goethe* (1836-1848) de Johann Peter Eckermann, que apareceram inúmeras narrativas acerca dos "grandes vultos da história". O paradigma romântico-positivista das biografias, fixado nesse momento e sob tal forma, contava com assinaturas de Jules Michelet, Max Stirner, Thomas Macaulay, dentre outros. A consciência de uma personalidade em desenvolvimento, verificada nas *Confissões* de Rousseau (1782), tanto alcançaria o gênero autobiográfico do diário íntimo quanto o *Bildungsroman*, "romance de aprendizagem ou formação", o qual toma por modelo a obra literária *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Johann W. Goethe, assim como *A vida e as opiniões do cavaleiro Tristram Shandy*, volumosa narrativa ficcional publicada por Laurence Sterne entre 1759 e 1769. Considerando a recepção de tais autores por Machado de Assis, o inter-relacionamento da narrativa ficcional e dos campos (auto)biográficos não constitui novidade no Brasil do século XIX.

Leitor de Voltaire,³ mas também amigo e correspondente de Joaquim Nabuco,⁴ Machado irá dialogar com o espaço biográfico em toda a extensão de sua obra romanesca, o que já ocorre nos contos publicados durante os anos de 1860, no *Jornal das Famílias*. Se considerarmos apenas os romances machadianos, tal diálogo pode ser identificado em *Ressurreição* (1872) através da recorrência ao gênero epistolográfico. A carta anônima enviada ao solteirão Félix, acusando a viúva Lívia, sua pretendente, resulta em estratégia utilizada no subgênero do romance epistolar, a exemplo de *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), de Goethe.

por Antonio Costa, Charles Louis Cassin, Ferdinand Gregorovius e Teófilo Braga. Ainda: as crônicas de Fernão Lopes e Garcia de Resende; o estudo biográfico de Antônio Ferreira por José Feliciano de Castilho; *Les grands écrivains français*, de Arvéde Barine; *Mémoires*, do cardeal Retz; *História de Roma*, por Theodor Mommsen. Entre as obras mais manuseadas, estão: *Les vies des hommes illustres*, de Plutarco; *Histoire Romaine*, de Tito Lívio; *La vita militare*, de Edmondo de Amicis. Cf. MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís (Org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001. p. 21-90; VIANNA, Glória. Revendo a biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís (Org.). *A biblioteca de Machado de Assis*, cit. p. 99-274, p. 122-128.

³ Um dos escritores prediletos de Machado, Voltaire produz obras de cunho biográfico ou se vale desse mote em vários trabalhos, como *La Henriade*, *Brutus*, *Zaïre*, *A morte de César*, *Zadig*, dentre outros.

⁴ Joaquim Nabuco estreia no espaço (auto)biográfico através de *Minha fé*, escrita em 1892 e publicada em 1896. Edita também *Um estadista do Império* (1897-1899), com foco em seu pai, e o livro de memórias intitulado *Minha formação* (1900). Vide: ARANHA, José Pereira da Graça. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco: comentários e notas à correspondência*. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003; NABUCO, Carolina. *A vida de Joaquim Nabuco*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1929.

A produção literária machadiana, assim, contraria um parâmetro evolucionista para sua abordagem, evidenciado por intermédio de Sílvio Romero,⁵ Araripe Júnior,⁶ Magalhães de Azeredo⁷ e José Veríssimo,⁸ dentre outros. O critério se assinala pela "segmentação em fases, a articulação entre elas, sem 'solução de continuidade' conforme pensam Azeredo e também Romero, o aperfeiçoamento crescente que representa a passagem de uma a outra".⁹ Por tal motivo, faz-se necessário destacar um circuito de recepções e reelaborações, subsidiário ao objetivo de somar outro tema com a loucura, a morte, a música e a representação social, nas respostas dadas por Luiz Costa Lima à própria indagação se "haveria um núcleo inscrito no subsolo machadiano que, sob articulações diversas e demonstráveis, cobriria seus romances da maturidade?".¹⁰

Nesse sentido, Alcides Maia alerta sobre um tênue sinal a perseguir na obra de Machado, quando nela observa a estilização do gênero biográfico:

[...] a Antônio Conselheiro, em armas no sertão, comemora-o na prosa cômica da "Canção dos piratas"; e até redigindo necrológios faz da morte motivos de epigramas. Vede como termina a biografia de um editor amigo:

Perdure a notícia, ao menos, de alguém que neste país novo ocupou a vida inteira em criar uma indústria liberal, ganhar alguns milhares de contos de réis, para ir afinal dormir em sete palmos de uma sepultura perpétua. Perpétua!¹¹

Em crônica publicada a 7 de janeiro de 1862 no *Diário do Rio de Janeiro*, o intelectual fluminense revela conhecer um subgênero romanesco que se vale da

⁵ ROMERO, Sílvio. *Estudos de literatura contemporânea*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1885; ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1897.

⁶ ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. Machado de Assis. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, p. 22-28, jan.-mar. 1895.

⁷ AZEREDO, Carlos Magalhães de. Machado de Assis; Machado de Assis e Sylvio Romero. In: _____. *Homens e livros*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. p. 177-188; p. 189-224.

⁸ VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira*. São Paulo: Itatiaia, 1907; VERÍSSIMO, José. Machado de Assis. In: _____. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Brasília: Editora da UnB, 1963. p. 277-289. Primeira edição em 1916.

⁹ ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. 2. imp. São Paulo: Ática, 2004. p. 93.

¹⁰ LIMA, Luiz Costa. *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57.

¹¹ MAIA, Alcides. *Machado de Assis: algumas notas sobre o humour*. 3. ed. rev. Santa Maria, RS: Movimento, 2007. p. 58. O livro foi editado originalmente no ano de 1912.

biografia: "Pelo menos não se corre o risco daquele fidalgo da sociedade beata de D. João V, de que fala um romance biográfico, o qual perdera muito conceito dos seus, por ter dado a toalha, em vez das galhetas, ao oficiante a quem servia de acólito".¹² De modo similar, o texto editado em 10 de julho de 1864 no *Diário de Notícias* indica que o cronista delinea sua "Teoria das edições humanas", a se apresentar nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*: "O folhetim não aparece hoje lépido e vivo; aparece encapotado, encarapuçado e constipado. Também constipado? Também. O folhetim é homem, e nada do que hoje é humano lhe é desconhecido".¹³ Nas produções antes destacadas, bem como na seguinte crônica, extraída do jornal *A Semana* de 20 de outubro de 1895, o romancista mostra estar ciente do estilo utilizado em narrativas biográficas: "De momento, não posso afirmar que Barbès estivesse em Londres; mas ponho-lhe aqui o nome, por se parecer com Bourbons e contrastar com eles nos princípios sociais e políticos. Assim se explicam muitos erros de data e de biografia: necessidades de estilo, equilíbrios de oração".¹⁴

Essas evidências da vinculação, por meio do espaço biográfico, entre os textos iniciais e finais do intelectual carioca, juntam-se às conclusões de Barreto Filho (1947) que, no artigo "Introdução a Machado de Assis",¹⁵ desmente a suposta "imaturidade" do romance *Helena* (1876), em que "adquire o escritor desenvoltura e fluência e vão repontando aqui e ali as soluções estilísticas, o modo próprio de dizer que o distingue de todos".¹⁶ O ficcionista estabelece intertextualidade com a mitologia grega, desdobrada nos dramas em torno a Édipo, Electra, Ifigênia e Orestes. Também ordena seu mundo ficcional na órbita da protagonista cujo nome o intitula, um recurso próprio das espécies biográficas ou da biografia enquanto gênero.

Por seu turno, Wilton Cardoso vislumbra em *Helena*, assim como nas obras literárias *Ressurreição* e *A mão e a luva*, uma incidência que se fará dominante em *Iaiá Garcia*: "tese que deste modo transcorre, modela a personalidade das criaturas, de modo que aquilo que hoje são, na maneira como se comportam, não passa do resultado das

¹² ASSIS, Machado de. *Crônicas*. NUPILL: Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística da UFSC. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.ufsc.br/obras.html>>. Acesso em: 14 maio 2008.

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

¹⁵ BARRETO FILHO, José. Introdução a Machado de Assis. In: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (Orgs). *A literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2002. v. 4. p. 151-173. Ensaio publicado originalmente em 1947.

¹⁶ Idem, p. 158.

imprecisões que o tempo lhes foi deitando na alma".¹⁷ Essa característica se aproxima ao nexos "energético" das antigas escritas de vida, segundo o qual os primeiros tempos da pessoa biografada se destinariam a anunciar e a reforçar os traços da maturidade.¹⁸

Prospectivo, mas também retrospectivo e em terceira pessoa, o livro de ficção intitulado *Helena* referenda importantes traços do gênero biográfico, mas o retrospecto

é, por si mesmo, contraditório: indesejado pela protagonista, moça de caráter confessadamente irrepreensível e foco da simpatia da obra, é induzido pelo narrador que, com cuidado, dissemina mistérios pela intriga, simultaneamente sugerindo que se volte a eles para melhor entender a ação apresentada. Estabelece-se o atrito entre a personagem e o enredo, colocando-se no meio o alvo concomitantemente evitado e concretizado: o desmascaramento.¹⁹

Em outros romances, é possível notar que Machado recorre ao modelo analítico das "Vidas",²⁰ da mesma forma apresentado na clássica Antiguidade. Por sua vez, afirmações quanto aos tons (auto)biográficos de sua ficção e da filosofia de Friedrich Nietzsche enviam à leitura de Arthur Schopenhauer, compartilhada por ambos. Pontos de coincidência entre o escritor brasileiro e o filósofo de Danzig são evocados por Raymundo Faoro, para quem as personagens machadianas se comporiam da mesma tessitura "dos homens que frequentam as ruas. Todos são filhos de igual teatro, comprometidos na mesma existência, quer a suscitada pelo historiador, quer a evocada

¹⁷ CARDOSO, Wilton. *Tempo e memória em Machado de Assis*. Belo Horizonte: [s.n.], 1955. p. 166.

¹⁸ Num tempo em que o discurso biográfico ainda não se distinguia do autobiográfico, "trabalhos sobre escritos pessoais" – de Cícero, Galeno e outros – foram tecidos por comentários autobiográficos e transpassados pelo "caminho do indivíduo que busca o conhecimento", uma ideia platônica. Também se fizeram notar pela doutrina aristotélica da *enteléquia*, o último objetivo e, ao mesmo tempo, primeira causa da evolução. Sobre esse alicerce, ergueram-se duas espécies estruturais da antiga biografia: a) "energética"; b) "analítica". A primeira teria por fundamento o conceito aristotélico de energia, representando a vida do sujeito como revelação e acabamento de seu caráter, através de atos, conversas e outras expressões humanas. É a forma adotada por Plutarco, tornando-se paradigma, nem tão somente para relatos biográficos, mas também a obras poéticas, especialmente, no drama. Cf. BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 2. ed. rev. aum. Traduzido por Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 1990. p. 237-242.

¹⁹ ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*, cit., p. 99-100.

²⁰ Cabe esclarecer que as antigas escritas de vida estruturavam-se também sob a formatação analítica, embasada na formulação platônica antes referida e caracterizada por distribuir o material biográfico em rubricas específicas (sociedade, família, virtudes, vícios etc.). Essa divisão quebra a ordem temporal das narrativas, reunindo diferentes épocas de uma vida sob o preceito orientador do caráter. Sua ordem sistemática caiu ao gosto de Suetônio, cujas influências foram exercidas sobre os biógrafos, especialmente os medievais, e se verificam em biografias que subdividem seus enunciados por setores.

pelo romancista. Quem os veste, arrancando-os do anonimato e do caos, será o olho organizador, o olho do biógrafo ou do ficcionista".²¹

A inexistência de um acervo do romancista carioca, onde pudessem ser consultados seus esboços, manuscritos e notas, entre outras fontes, dificulta, mas não impossibilita, a tarefa proposta por Silviano Santiago em 1978:

Já é tempo de se começar a compreender a obra de Machado de Assis como um texto coerentemente organizado, percebendo que à medida que seus textos se sucedem cronologicamente certas estruturas primárias e primeiras se desarticulam e se rearticulam sob forma de estruturas diferentes, mais complexas e mais sofisticadas.²²

John Gledson contribui para uma visão global da obra machadiana, sem esconder créditos a Faoro e a Roberto Schwarz,²³ ao elaborar o conceito de:

"realismo enganoso", um procedimento pelo qual o artista, por um lado, representa a realidade através de convenções doutrinárias da estrutura realista dominante enquanto, por outro, solapa, suspende e compromete todas elas ao mesmo tempo. O resultado não é a ausência ou a negação do referente, mas o desafio para que o leitor o encontre lendo os textos a contrapelo da narrativa, buscando seus lapsos, seus atos falhos, suas hesitações, suas referências cifradas e seu substrato histórico.²⁴

O estudioso inglês ordena os romances machadianos produzidos a partir da década de 1880 em dois grupos: a) *Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Esau e Jacó*; b) *Casa velha*, *Dom Casmurro*, *Memorial de Aires* (p. 25-26). A tese é plausível, mas não se justifica facilmente (como reconhece o próprio ensaísta), pelos critérios: 1) do período, mais longo e panorâmico no primeiro grupo ou mais curto e particularizado no segundo; 2) da trama, mais difusa em um segmento e concentrada no outro. Como exceção, a

²¹ FAORO, Raymundo. *A pirâmide e o trapézio*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1974. p. 478.

²² SANTIAGO, Silviano. A retórica da verossimilhança. In: _____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 27-46, p. 27. A primeira edição é de 1978.

²³ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

²⁴ SEVCENKO, Nicolau. A ficção capciosa e a história traída. In: GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. p. 13-20. p. 15.

história em *Quincas Borba* se desenvolve de 1867 a 1871 e a trama de *Dom Casmurro* se concentra entre 1857 e 1871, mas atinge 1899, ano em que o protagonista, Bento Santiago, realiza sua escrita. Outro critério apontado seria o dos narradores: 3) na primeira série, oniscientes e olímpicamente distantes das histórias narradas; na segunda, tipificados por compartilharem com o leitor "as limitações da sociedade que descrevem, revelando-as em seu próprio discurso".²⁵ Essa alternativa não se isenta de inconsistências: "No caso específico de *Dom Casmurro*, identificar-se com Bentinho ou com Capitu é não compreender que a reflexão moral exigida pelo autor requer certa distância dos personagens e/ou do narrador, aliás, a mesma distância que Machado, como autor, guarda deles".²⁶

Recusando a tese de Gledson, mas aceitando sua hipótese, propomos que as seis ficções por ele anteriormente destacadas possam orientar-se pelas formas energéticas ou analíticas que fundamentaram as espécies (auto)biográficas da Antiguidade greco-romana, bem como por alguns gêneros do espaço biográfico que se constituíram na modernidade inicial. Em outro ensaio, o crítico britânico aproxima-se à nossa proposta quando menciona Plutarco e Suetônio entre as fontes de Machado. Pouco depois, referindo-se a *Iaiá Garcia*, afirma:

Quando volta da guerra, uma das ideias que Jorge tem é escrever uma história do conflito; outra é escrever um romance autobiográfico, e é em busca de material para esse romance, que, claro, nunca chega a escrever, que volta ao cenário do quase estupro. Esses livros não escritos são uma característica da obra de Machado (aparecem de novo no começo de *Dom Casmurro*). Aqui, como aí, significam uma tentativa fracassada de atar as duas pontas da vida ou, no caso, as duas partes do livro, o passado e o presente.²⁷

Certo jogo entre formas energéticas e analíticas do espaço biográfico somam-se, na obra machadiana, à dialética entre o mimético e o ficcional, a ideologia e as técnicas narrativas, a representação social e o recurso alegórico. Utilizando-se de tais estratégias, o escritor oferece destaque ao gênero das confissões em *Casa velha*; ao

²⁵ GLEDSON, John. Introdução. In: _____. *Machado de Assis: ficção e história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. p. 28.

²⁶ SANTIAGO, Silvano. A retórica da verossimilhança, cit., p. 30.

²⁷ GLEDSON, John. Machado de Assis e a história do Brasil: algumas especulações. In: _____. *Machado de Assis: ficção e história*, cit., p. 302.

memorialístico, em *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*; à biografia enquanto gênero instituído e à narrativa de cunho biográfico em *Quincas Borba* e *Esauí e Jacó*; ao diário íntimo, no *Memorial de Aires*.

Apontando ao mundo antigo e ao século anterior, Machado recusa filiar-se a correntes filosóficas oitocentistas, a exemplo do evolucionismo e do positivismo. Desse modo, em "A nova geração", ensaio de crítica literária, originalmente publicado em 1879 na *Revista Brasileira*, discorre acerca do grupo integrado por Alberto de Oliveira, Fontoura Xavier, Sílvio Romero e outros. O crítico "acerta na mosca, indicando as duas principais falhas dos intelectuais da nova geração: o pedantismo, que os faz citarem inadvertidamente os luminares do pensamento moderno; o espírito de seita, petrificador das ideias".²⁸ Sua análise revela que, conhecedor das novas teses, por exemplo, de Charles Darwin e Herbert Spencer, se o romancista "não as encampava, é porque não queria. Mostra também que elas estavam integradas ao cotidiano intelectual carioca e produziam seus frutos, com os defeitos que se agudizariam com o tempo. Indica, enfim, que nem todos acolhiam os novos ditames da moda, pelo contrário, condenando-os e evitando-os".²⁹

Quanto ao tratamento dos artifícios retóricos, não é possível atribuir corrosividade a Machado devido à opinião de que, no contexto nacional, "o exercício da eloquência por seus políticos, seus bacharéis, seus poetas, não desvenda outra coisa senão leituras apressadas de algum tratado mal digerido".³⁰ Segundo a pesquisa que Jorge Araújo empreende sobre *O perfil do leitor colonial*:

Em matéria de Letras, a civilização leitora brasileira tem nos clássicos um de seus pilares. Pode ser que o resultado disso seja um balofismo intelectual, sem outros reflexos na cultura a não ser a do próprio registro circular de livros. Convém não esquecer, entretanto, que é da leitura de clássicos como Ovídio, Horácio e da Filosofia do sublime de Longino que a cultura literária brasileira se pôde afirmar na Escola Mineira, por exemplo. Não deve, assim, ser considerada irrelevante ou apenas estatística a espantosa presença dos clássicos entre as obras de

²⁸ ZILBERMAN, Regina. O positivismo e a história da literatura brasileira. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, v. 4, n. 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. p. 36.

²⁹ Idem.

³⁰ LIMA, Luiz Costa. *Dispersa demanda*, cit., p. 64.

Letras nas livrarias setecentistas e oitocentistas entre nós. O brasileiro, portanto, leu, e muito, a literatura produzida pelo gênio clássico.³¹

Ainda enquanto colônia, uma das formas de o Brasil resistir ao isolamento projetado desde a metrópole residiu no comércio, circulação e contrabando de livros, independentemente dos estigmas aos quais se poderia restringir.

Por ser o mais expressivo elemento de ligação entre a realidade objetiva e o imaginário libertador das formas retrógradas de domínio colonial, a Literatura representa um esforço de reação ao abastardamento da inteligência que aqui nos quiseram impor e um elogio à utopia de construção, pela via abstrata, de uma nova realidade.³²

A "trindade crítica" – Sílvio Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior – vai concordar no desprestígio à tradição retórico-poética, patrocinado pelo ramo historicista da literatura, do qual se faz pioneira representante:

Durante o século XIX, há no Brasil, ao longo de um período que coincide quase integralmente com o ciclo do Império, um grande interesse pelos estudos de retórica (a que se anexam ou com que se confundem os de poética), interesse traduzido por várias publicações e pela inserção das disciplinas mencionadas nos currículos escolares. Observa-se, contudo, que esse interesse desaparece no final dos anos de 1800, embora diversos resíduos dessa tradição se tenham conservado no século XX. Chama atenção, ainda, a circunstância de que essa vertente dos estudos literários oitocentistas tenha sido praticamente esquecida, ao contrário do que ocorre com a vertente constituída pelos estudos de história da literatura desenvolvidos no mesmo período, que não cessa de dar origem a reedições, pesquisas, teses e ensaios.³³

De maneira bastante contraditória, Romero e Veríssimo permitem asseverar que

³¹ ARAÚJO, Jorge de Souza. *O perfil do leitor colonial*. Ilhéus, BA: EdUESC, 1999. p. 408.

³² Idem, p. 237.

³³ SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloquência*. Niterói; Rio de Janeiro: EdUFF; EdUERJ, 1999. p. 1-2.

a história da literatura oitocentista, mesmo por caminhos diversos (as proposições antagônicas de um conceito amplo e de um conceito restrito de literatura) e como que à sua revelia, constitui o seu objeto incorporando elementos tomados de empréstimo à retórica, circunstância que muito provavelmente configura um efeito da formação retórica dos historiadores.³⁴

O descrédito aos métodos e procedimentos retóricos vai-se intensificar através da recepção acrítica ao movimento modernista. Entretanto, a crítica à retórica-poética algumas vezes toma a forma de uma recepção questionadora, como em Machado de Assis, que "faz de sua ficção um vasto campo para a desnaturalização das práticas retóricas, através de diversos procedimentos".³⁵

De fato, como aponta desde os títulos de *Helena e Iaiá Garcia* ao *Memorial de Aires*, Machado desafia normas e convenções romântico-positivistas que norteiam o espaço biográfico durante o século XIX. "Um mestre na periferia do capitalismo",³⁶ ele obtém esse feito através de formas e gêneros configurados segundo preceitos antecedentes, da retórica-poética e do iluminismo francês, sem deixar de referir-se às *Escrituras*, primeiro lócus do discurso biográfico no Ocidente. Por isso, a necessidade futura de analisar a dialogização ora indicada em seus romances produzidos a partir da década de 1880, visando aprofundar, nos planos da teoria, bem como dos estudos conjuntos da história e da literatura no Brasil, muitas das discussões que a crítica literária machadiana vem-se propondo a revisar.

André Luis Mitidieri
Universidade Estadual de Santa Cruz
Santa Cruz (BA), Brasil

³⁴ Idem, p. 85.

³⁵ Idem, p. 88.

³⁶ Referência ao estudo de: SCHWARZ, Roberto. *Machado de Assis: um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1990.

André Luis Mitidieri é professor de Literaturas de Língua Espanhola no Curso de Letras, bem como de Leitura e História Literária no PPGL – Mestrado em Linguagens e Representações – da UESC. Docente-colaborador no Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Literatura Comparada – da URI (Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões), campus Frederico Westphalen (RS). Email: almpereira@uesc.br